



Círculo do Livro: Os Rastros de Memória do Maior Clube de Assinatura de Livros Brasileiro no Séc. XX¹

Susana Azevedo Reis²

Universidade Federal de Juiz de Fora

Christina Ferraz Musse³

Universidade Federal de Juiz de Fora

Resumo

O *Círculo do Livro* foi um importante clube de assinatura de livros, que iniciou suas atividades em 1973 e seguiu até 1996. Este artigo tem como objetivo resgatar a memória desse clube, que tinha como foco a venda de livros em edições exclusivas aos associados, observando como ele se constituía como empresa e como se comunicava com seus membros. Para isso, utilizaremos como referencial as entrevistas concedidas por Fernando Nuno, ex-editor do *Círculo*, depoimentos de ex-assinantes presentes em blogs, a *Revista do Livro*, publicação periódica do clube, e outros rastros de memória. Acreditamos que esse foi um importante clube de assinatura de livros no Brasil, sendo vital registrarmos a sua história para que ela não seja esquecida e para compreendermos esse mercado na contemporaneidade.

Palavras-chave: Clube do Livro; Memória; Consumo; Clube de Assinatura; *Círculo do Livro*.

Introdução

Atualmente, podemos encontrar diversos clubes de assinatura de livros no Brasil, apresentando variados tipos de curadoria e funcionando nos mais diferentes modelos de negócio. Porém, existem poucas pesquisas que se debruçam sobre um dos precursores nacionais desses clubes: o *Círculo do Livro*.

Esse importante clube foi fundado em março 1973, tendo sido formado a partir de uma parceria entre editora Abril e a alemã Bertelsmann (HALLEWELL, 2017). O clube chegou a possuir mais de 800 mil assinantes por todo o Brasil, encerrando suas atividades no final da década de 1990. Assim, acreditamos que seja primordial compreendermos como atuava esse clube do livro, pelo viés mercadológico e de consumo, para que possamos compreender como clubes atuais, como a *Tag Livros*, *Turista Literário* e *Intrínsecos*, por exemplo, se constituem na atualidade. Além disso,

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação, Consumo, Memória, do 8º Encontro de GTs de Pós-Graduação - Comunicon, realizado de 13 a 15 de outubro de 2021.

² Doutoranda em Comunicação no Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: susanareis.academico@gmail.com

³ Doutora em Comunicação e Cultura. Professora do Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: cferrazmusse@gmail.com.



consideramos importante reconstituir a trajetória do *Círculo*, um dos mais importantes empreendimentos editoriais brasileiros, para que sua história possa ser registrada.

Dessa forma, o objetivo desse trabalho é rememorar a história do *Círculo do Livro*. Para isso, utilizaremos as entrevistas concedidas por Fernando Nuno, ex-editor do *Círculo*, para a mídia; depoimentos de ex-assinantes presentes em blogs; informações encontradas na *Revista do Livro*, publicação periódica do clube; além de outros documentos.

A importância de rememorar o *Círculo do Livro*

A partir da década de 1980 pode-se observar uma aceleração dos discursos sobre a questão da memória, como afirma o historiador Andreas Huyssen (2000). O excesso de informação produzida pela sociedade na atualidade e a disseminação dos estudos sobre a memória acarretou em uma hipervalorização do tema enquanto campo de pesquisa. Com investigações interdisciplinares e focadas nos mais diferentes conceitos, teorias e técnicas, pesquisadores, estudiosos e professores estão em busca de vestígios que os ajudem a compreender as narrativas de nossa história, cotidiano e tradições. É o “boom da memória”. As pesquisas relacionadas à memória são diversas, incluindo desde debates que discutem a preservação física dos vestígios de memória até as técnicas sobre os procedimentos de coleta e de gravação dos depoimentos orais. Estamos cada vez mais focados em compreender o passado em função do futuro para, assim, ressignificá-lo.

Dessa forma, como iremos trabalhar com a memória do *Círculo do Livro*, acreditamos que seja primordial debater a importância da construção dessa narrativa, a partir de rastros de arquivo e memórias individuais e coletivas.

Como afirma Huyssen, estamos sendo empurrados para um futuro que não nos inspira confiança e, por isso, procuramos referências no passado em busca de conforto no presente. Afinal, estamos passando por transformações rápidas na sociedade que envolvem mudanças tecnológicas, da mídia de massa, consumo, trabalho e mobilidade social. Assim, mesmo que seja de forma dúbia, acreditamos que podemos aprender com a história: “a cultura da memória preenche uma função importante nas transformações atuais da experiência temporal, no rastro do impacto da nova mídia, na percepção e na sensibilidade humana” (HUYSSSEN, 2000, p.26). Dessa forma, a rememoração seria uma forma de nos ligarmos ao passado e as maneiras como rememoramos nos



definiriam no presente. Necessitamos de nossas lembranças e memórias para constituir e ancorar nosso passado, alimentando as visões de nosso futuro.

Mas o que seria essa memória? O historiador Pierre Nora (1993) define a memória como um fenômeno atual, vivido no presente. Ela é fluida, afetiva, simbólica, múltipla e plural. Ela instala a lembrança, emerge e une grupos, pode ser individual ou coletiva, mas sempre se enraizando no concreto. Michael Pollak corrobora essa afirmação, ao afirmar que a memória é um “fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes” (POLLAK, 1992, p.201).

Nora aponta, inclusive, duas memórias diferenciadas. A primeira seria uma memória tradicional, espontânea, psicológica, social e globalizante, abrigada no gesto e no hábito. Seria, assim, a memória formada por nossas lembranças e experiências, que serão sempre sujeitas a reconstruções. O outro tipo de memória seria arquivística, que surge de nossa necessidade contemporânea de preservar o nosso passado e o presente. Estaríamos vivendo atualmente um culto documental, onde existe uma obrigação de resgatar e produzir documentos: “o sentimento de um desaparecimento rápido e definitivo combina-se à preocupação com o exato significado do presente e com a incerteza do futuro para dar ao mais modesto dos vestígios, ao mais humilde testemunho, a dignidade virtual do memorável” (NORA, 1993, p.14). Essa memória seria transformada pela passagem da história. A memória tradicional estaria desaparecendo, o que nos obrigaria a acumular vestígios, depoimentos, testemunhos, documentos oficiais e outros rastros para que possamos provar que dado acontecimento realmente aconteceu e faz parte da história. Assim, reforçaríamos a identidade grupal e poderíamos criar um sentimento de pertencimento e comunidade.

E, para que essa comunidade de memória se constitua, são necessárias memórias individuais e coletivas. Maurice Halbwachs (1990) foi o primeiro pesquisador a trazer essas definições⁴. Para o autor, a memória individual seria uma memória vivida no quadro pessoal do indivíduo, sendo interna, pessoal e autobiográfica. Porém, ele ressalta que ela não existe sem a memória coletiva, pois utiliza pontos de referência grupais, afinal, as pessoas ajudam a lembrar umas as outras. Nossas lembranças sempre serão

⁴ Seu livro, “Memória Coletiva” foi publicado na primeira metade do século XX, e assim, sua pesquisa se baseou em investigações que tinham um enquadramento mais voltado para a memória nacional. Mesmo sendo conceitos particulares de um dado momento da história, acreditamos que eles ainda podem ser utilizados, com cautela, para entendermos todo o contexto atual da sociedade, que envolvem as novas tecnologias e a aceleração do tempo.



coletivas, mesmo se forem de acontecimentos que só nós vivemos ou de objetos que apenas nós vimos. Na realidade, nós nunca estamos sós.

Da mesma forma, a memória coletiva se constitui a partir dessas memórias individuais, pois nos apoiamos nas lembranças de outros para confirmar e ratificar nossas próprias memórias. Assim, criamos uma identidade grupal, para que possamos encontrar um lugar para nós mesmos no passado e no presente. Quando fazemos parte de uma comunidade e temos lembranças semelhantes, permanecemos com esse contato em comum com as pessoas que pertencem àquele grupo, “e continuamos capazes de nos identificar com ele e de confundir nosso passado com o seu” (HALBWACHS, 1990, p.26).

Mas é importantíssimo nos atentarmos para um fato: a memória é seletiva, respaldada em lembranças e esquecimentos. Não conseguimos registrar todos os acontecimentos de nossa vida, sendo importante entendermos que nossas memórias são subjetivas e o atual momento que vivemos influencia em nossa memória (POLLAK, 1992). A memória pessoal do indivíduo é sempre escorregadia e suspeita, podendo ser afetada pelo esquecimento e pela negação. Porém, ela é parte importante da memória de uma sociedade.

E os documentos e monumentos também são essenciais para a formação da memória coletiva, como afirma Jacques Le Goff (2013). O monumento teria um papel pedagógico, podendo reenviar certos sentidos do passado. É tudo aquilo que pode “evocar o passado, perpetuar a recordação” (LE GOFF, 2013, p.). Já o documento pode ser considerado qualquer vestígio de memória humana que será explorada pelo pesquisador, sendo uma escolha do historiador. Porém, ainda que não tenha sido pensada a fim de ser utilizada como registro, todo documento que sobrevive é significado para a reconstrução da história. Assim, ele se torna um documento-monumento.

Dessa forma, é o nosso desejo como pesquisadores resgatarmos a memória do *Círculo do Livro*, pois a história desse clube do livro pode desaparecer se não for registrada e tem papel fundamental para que compreendamos certos acontecimentos do presente. Assim, utilizaremos diversos resquícios arquivísticos. Tivemos acesso a 8 edições da *Revista do Livro*, documentos-monumentos que registram por si só a história do *Círculo* em suas reportagens, matérias e de seu próprio conteúdo diário. Buscaremos nessas publicações informações que nos ajudem a compreender o sistema de



funcionamento da empresa, assim como observaremos quais eram os principais assuntos discutidos na época⁵.

Também tivemos acesso a cartas enviadas para sócios, a partir do acervo pessoal de Atalábio Sevegnani. Além disso, utilizaremos entrevistas concedidas por Fernando Nuno ao site de conteúdo *Publishnews* e ao canal do YouTube *Guia dos Curiosos*. Fernando trabalhou 17 anos como editor do *Círculo*, tendo papel importante na história da empresa. Por fim, utilizaremos os depoimentos de José Antônio, do blog *Livros e Opinião*, e Marcelo Moutinho, do blog de nome homônimo.

Clubes de assinatura de livros: uma nova forma de consumo

Foi no século XVIII que começaram a surgir os primeiros grupos de leitura e empréstimos de livros no mundo. DeNel Rehberg Sedo (2011, p. 03), explica que nessa época começaram a se formar pequenas “sociedades de livros”, “sociedades de leitura”, “clubes do livro” e “sociedades literárias”, com o objetivo de discutir livros e emprestando obras, como uma biblioteca. Posteriormente, surgiram os clubes de assinatura de livros, que vieram diversificar o mercado editorial, modificando a forma de venda e consumo dos livros.

A pesquisadora alemã Corinna Norrick-Rühl (2019) explica que o termo “clube do livro” pode ser utilizado de quatro formas diferentes na sociedade. Primeiramente, um “clube do livro” pode se constituir como um clube de leitura, onde um grupo de pessoas se reúne, escolhe uma obra específica, a lê e discute sobre sua narrativa. Talvez essa seja a forma mais comum do termo, sendo o formato utilizado em escolas, bibliotecas e outras organizações. Outra forma de utilizar a expressão “clube do livro” é para descrever sociedades bibliófilas, instituições que se reúnem para imprimir obras especializadas e exclusivas, que não seriam publicadas por empreendimentos comerciais (NORRICK-RÜHL, 2019). O termo também pode ser empregado para categorizar as sociedades literárias dos séculos XVIII e XIX, onde os membros tinham acesso às bibliotecas particulares para pegar livros emprestados ou lê-los nas instalações do clube.

Por último, podemos encontrar os “clubes de livros” que tem como objetivo vender livros. São clubes que comercializam seus produtos por meio de um modelo de assinatura, onde o leitor deve se associar ao clube. No Brasil, conhecemos como “clube

⁵ Foram 8 revistas encontradas por meio do grupo de e-mails do Google *Livros Online*.



de assinatura de livros”. Essas organizações comerciais trabalham como distribuidores, quando compram livros publicados e os revendem abaixo do preço de varejo. Eles também podem funcionar como editores-distribuidores, quando compram licenças para livros já publicados e elaboram suas próprias edições rebatizadas ou publicam sua própria lista de edições originais ou novas (NORRICK-RÜHL, 2019).

Assim, a autora destaca quatro elementos presentes nesse tipo de clube que ela denomina os “4 Cs dos clubes do livro”: curadoria, conveniência, concessão e comunidade. A curadoria, neste sentido, se aplica a qualquer tipo de seleção de produtos para um grupo demográfico específico ou para um indivíduo. Já a conveniência e concessão estão presentes nos sistemas capitalistas, onde os consumidores ambicionam o produto da melhor qualidade com o menor preço e esforço possível. Eles autorizam o envio de livros, que recebem em casa de forma fácil e sem esforço. Já o quarto C, comunidade, é a necessidade de despertar nos associados o sentimento de pertencer a um movimento ou grupo. Além disso, Norrick-Rühl comenta que os clubes de assinatura de livros também necessitam da fidelização do cliente, obtida através de bônus para os associados e outras ações de marketing produzidas pela empresa. Une-se a isso uma compra mínima contratual, ou taxa de frete, que garantem uma receita regular e, assim, liquidez para o clube.

Outro ponto importante que a pesquisadora destaca nos clubes de livros é a forma de comercialização, realizada através da venda de porta em porta, por meio de catálogos em mala direta, venda em ônibus, modelos *shop-in-shop*, livrarias de clubes dedicadas e, atualmente, por meio da internet. Inclusive, a venda por mala-direta tem grande importância para a disseminação desses clubes de assinatura. Para a autora, “a compra por mala-direta é o precursor histórico mais importante para o negócio do clube do livro, surgindo na Europa e na América do Norte no final do século XIX”⁶ (Norrick-Rühl, 2019, p.12-13, tradução nossa). A venda por mala-direta permitia que cidadãos de cidades pequenas e áreas rurais, sem livrarias, pudessem ter acesso às novidades literárias.

Historicamente, a venda para os associados era realizada primeiramente enviando folhas individuais listando produtos. Mas, com o passar do tempo, as empresas começaram a criar catálogos, cheios de fotografias e às vezes destaques para os livros mais desejados. Porém, era necessário criar uma publicação que pudesse criar

⁶ No original: “Mail-order shopping is the most important historical precursor for the book club business, emerging in both Europe and North America at the end of the nineteenth century”.



um senso de pertencimento e comunidade, neutralizando assim o potencial anonimato dos pedidos por correspondência. Surgiram então o que Vera Dumont (apud NORRICK-RÜHL, 2019) chama de “magalogs”, que se caracteriza como uma mistura de revista e catálogo. A publicação informaria aos associados sobre as opções de livros disponíveis para compra, ofertas e descontos e, ao mesmo tempo, traria boletins informativos e conteúdos editoriais.

Ao oferecer a seus sócios uma magalog mensal ou trimestral, o clube enfatizou o elemento comunitário de pertencer ao clube e minimizou a mercantilização dos livros ao incorporar as seleções em um contexto editorial mais amplo com "entrevistas com autores, trechos de livros", assim como "convidados editores e colaboradores" (NORRICK-RÜHL, 2019, p.14, tradução nossa).⁷

Para a autora, os precursores desse tipo de clube do livro por assinatura existiram no século XIX. Eram clubes onde os leitores se reuniam e apoiavam a produção de edições exclusivas, pagando antes de ter o produto em mãos, garantindo seu exemplar. O modelo é parecido com o que denominamos de *crowdfunding* atualmente. Porém, essas associações não apresentavam curadoria, parte fundamental para a criação de um clube de assinaturas.

Após a Primeira Guerra Mundial, houve uma grande mudança cultural, política, religiosa e ideológica na Europa, que incentivou a criação dos clubes de assinatura de livros. Na Alemanha, quarenta e dois clubes do livro foram fundados entre 1918 e 1933, sendo os dois mais importantes o *Volkerverband der Bücherfreunde* e o *Deutsche Buch-Gemeinschaft*. Nos Estados Unidos, o *Book-of-the-Month Club* foi o primeiro a ser criado, em 1926, seguido por seu concorrente *The Literary Guild*, em 1927. Na Inglaterra, o primeiro clube registrado é o *Book Society*, em 1929 (NORRICK-RÜHL, 2019).

Segundo Norrick-Rühl, ao fim da Segunda Guerra Mundial, os clubes do livro por assinatura estavam consolidados. Em 1956, o *American Book Publishers Council* realizou uma pesquisa e contabilizou 108 clubes de assinatura de livros nos Estados Unidos, com um total de mais de 7 milhões de membros. Na Alemanha, a *The Bertelsmann Lesering*, fundada em 1950, começou uma expansão global. Primeiramente na Espanha, em 1962, com o *Círculo de Lectores*. Depois, entrou no mercado na Áustria (1966) e na Holanda e Bélgica (1967), seguido por trinta e dois

⁷ No original: “By offering their members a monthly or quarterly magalog, the club emphasized the community element of belonging to the club and downplayed the commodification of the books by embedding the selections in a larger editorial context with ‘author interviews, excerpts from books’ as well as ‘guest editors and contributors.’”



outros mercados nacionais até 2005, na Rússia. No Brasil, a Bertelsmann se associou à editora Abril e em 1973 fundou o *Círculo do Livro*.

Mas, segundo Laurence Hallewel (2017), o primeiro clube desse tipo em terras brasileiras surgiu em 1941 e foi criado por Mário de Andrade, Cândido Portinari e Aníbal Machado, se estabelecendo como um clube de poesia. No ano seguinte, o clube *Sociedade dos Cem Bibliógrafos do Brasil* foi fundado, publicando 23 títulos para os seus associados até 1968, quando encerrou suas atividades. Na década de 1940 ainda foram criados os clubes *O Livro do Mês* e o *Círculo Literário*. Já entre 1943 foi fundado por Mário Graciotti o *Clube do Livro*.

Os rastros de memória do *Círculo do Livro*

O *Círculo do Livro* funcionou de 1973 a 1996 como um clube de assinatura de livros. Porém, quando o projeto foi encerrado, a editora Abril continuou a utilizar o nome para outros fins editoriais. É isso que informa Fernando Nuno (2021), que ocupou durante 17 anos o cargo de editor no *Círculo*. E é nas páginas da *Revista do Livro*, publicação periódica do clube, que podemos encontrar informações relevantes sobre sua história.

Na reportagem: “O *Círculo* nos 40 anos do MASP”, ao ressaltar a participação do clube com a exposição “Epopéia Editorial”, do Museu de Arte Moderna de São Paulo, o clube informa quando e como foi fundado, destacando que “em poucos anos, o *Círculo* chegou a acumular 1 milhão de sócios, que consomem mais de 4 milhões de livros por ano” (O *CÍRCULO*, 1987, p.49). A reportagem também destaca algumas afirmações importantes sobre a história do clube, que buscaremos rememorar a partir de agora: (1) a ideia de que o clube trouxe inovações tecnológicas para o sistema editorial brasileiro, que seria a inovadora concepção mercadológica, ou seja, a introdução do conceito de “clube de livro” no Brasil; (2) a entrega rápida e econômica de livros aos sócios; (3) a variedade de seu catálogo; (4) a gráfica, a maior da América Latina para livros encadernados; e a (5) *Revista do Livro*.

O *Círculo do Livro* foi fundado a partir de uma parceria entre a Bertelsmann e a editora Abril. A empresa alemã buscava novos mercados para iniciar clubes de livro, tendo já entrado no mercado editorial da Espanha e de Portugal antes de chegar no Brasil. Em nosso país, primeiramente, procurou a editora Record para fundar o *Círculo do Livro*, porém, por motivos não revelados, a editora não aceitou e a Bertelsmann se associou a editora Abril, como afirma Fernando Nuno: “A Bertelsmann trouxe o *know-*



how, como se faz um clube, e a Abril entrou com o pessoal. Claro, houve a participação societária em termos financeiros, de capital, ambas quase em partes iguais. Mas então eu fui uma das pessoas da Abril destacadas, aí, para o Círculo” (NUNO, 2019).

Para ser associado ao clube, o leitor deveria pagar uma taxa de inscrição e escolher um livro no catálogo da publicação *Revista do Livro*, pertencente ao *Círculo*. O cliente era obrigado a encomendar um livro por trimestre para continuar afiliado (NUNO, 2021):

O Círculo exigia um compromisso do associado. E é interessante que nos primeiros anos de Círculo do Livro [...] era cobrado o que os círculos esportivos chamavam de joia. Você tinha que pagar para ser sócio. Era até uma maneira de você ficar mais preso, acredito eu. Se você sai, lamenta o dinheiro que você perdeu, ali e tal. Mas eles cobravam essa joia e você tinha que comprar, assumir o compromisso de comprar um livro, em qualquer valor [...] dos oferecidos do catálogo do Círculo. (NUNO, 2021).

Durantes as três décadas de funcionamento do *Círculo*, a quantidade de livros e o período de escolha foram se modificando. Fernando explica que o clube começou trimestralmente, mas por um grande período de tempo o funcionamento foi transformado em bimestral. Porém, o período começou a ficar curto para a produção, e a periodicidade voltou a ser trimestral. Observando as revistas que tivemos acesso, percebemos, por exemplo, que essa edição 66, do ano de 1987, possuía periodicidade trimestral, enquanto o número 70, de março e abril de 1988, possui periodicidade mensal.

Em uma carta de boas-vindas (Figura 1) enviada pelo *Círculo do Livro*, em 1987, podemos ter detalhes de como o clube funcionava. O documento, assinado por Luiz Wagner, gerente comercial, começa exaltando o leitor por participar do clube:

Seu interesse em conhecer o Círculo do Livro mostra que você pertence a uma classe privilegiada de pessoas amantes da cultura e do lazer mais barato e proveitoso, a leitura. E é para gente como você que o Círculo desenvolveu uma estrutura capaz de atender aos gostos mais exigentes e variados (WAGNER, 1987).

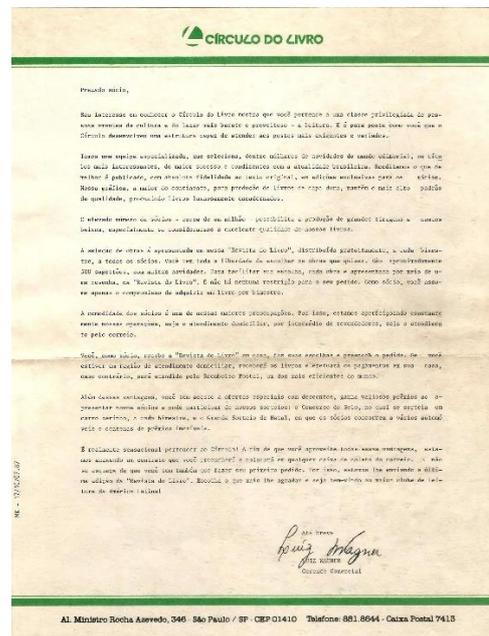
Depois, a carta explica como funcionava o clube, destacando as vantagens de participar do *Círculo*. Para ser um associado, era necessário assinar o contrato e enviar pelo correio para a sede, além de escolher o primeiro livro. A carta também destaca que o *Círculo* possui um milhão de sócios e era o maior clube de leitura da América Latina.

Nas páginas da revista também podemos encontrar a dinâmica entre o clube e os associados. A publicação número 66, de 1986, destaca em suas primeiras páginas algumas das vantagens dos associados do clube, que seriam: “Você recebe a revista grátis”, reafirmando a gratuidade da publicação; “Você escolhe livremente”,



destacando que os associados podem escolher entre os mais de 500 livros oferecidos; “Você recebe tudo em casa”, informando que o associado pode escolher entre o serviço domiciliar gratuito ou o envio do livro pelos correios; “Você faz economia”, ressaltando que as edições são encadernadas em edições exclusivas para os sócios, que são bonitas, econômicas e duráveis; e “Você tem prêmios à vontade”, informando dos concursos e brindes oferecidos pelo clube. No final, a revista revela que o associado tem apenas uma função: “Você cumpre uma só obrigação – É fazer pelo menos um pedido por trimestre, na falta do qual você receberá nosso Livro do Trimestre” (ISTO, 1986, p.2).

Figura 1: Carta de Boas Vindas



Fonte: Acervo Pessoal de Atalábio Sevegnani

Como a própria revista ressalta, os assinantes podiam escolher se o livro seria enviado pelo próprio vendedor ou pelo correio. No caso da entrega domiciliar, o funcionário levava o catálogo, recolhia o pedido e, em um terceiro momento, entregava o livro e recebia o pagamento: “O Círculo tinha uma batalha de 2 mil vendedores, criaturas fantásticas, que adoravam em geral, o trabalho, e eram adorados pelos sócios. [...] Claro, casos como Fernando de Noronha e o Acre, a gente funcionava pelo correio, né.” (NUNO, 2021). José Antônio, ex-associado do Círculo, discorreu em seu blog sobre a importância do *Círculo* para diversas pessoas que não podiam comprar livros em livrarias:

[...] O Círculo do Livro abriu as portas do mundo mágico da leitura para muitas pessoas – que assim como eu, naquela época – não tinham condições de visitar uma livraria para comprar várias obras que adorariam ler. Por culpa do

apertadíssimo orçamento mensal, elas eram obrigadas apenas a observar os tão sonhados romances, ali encostadinhos (descansando) nas prateleiras (JOSE, 2012).

Já Fernando conta que o primeiro editor geral do *Círculo* foi o João Noro que, quando saiu, indicou-o para o trabalho, onde ele permaneceu por cerca de 17 anos. Sobre o processo editorial, ele afirma que possuía toda a liberdade de escolher os livros que seriam inseridos no catálogo: “Fui curador de mais de 2 mil livros. [...] Mas a minha função era justamente essa, definir quais livros o Círculo ia publicar. Eu era o editor da casa, desde o início, praticamente, até quase o fim do Círculo” (NUNO, 2019).

O clube oferecia aos seus leitores diversas opções de livros, de todos os gêneros e tipos. Nas edições da *Revista do Livro* identificamos as seguintes seções: Aventura e Ação, Best Sellers, Ciência e Mistério, Depoimento e Reportagem, Divulgação, Documento Histórico, Grandes Clássicos (ou Obras Primas), Humor, Literatura Brasileira, Literatura Moderna, Livros de Arte, Mundo Jovem, Poesia e Teatro, Recomendado, Romance e Vida Prática. Também podemos encontrar coleções de livros que eram vendidos individualmente ou em grupo: “Com o tempo o Círculo foi abrangendo todas as áreas, possíveis e imagináveis e chegou o momento em que a gente tinha 300 títulos em catálogo” (NUNO, 2021).

Figura 2 - Revista do Livro, nº 61, maio e junho de 1986, p.62 e 63



Fonte: Acervo Pessoal de Adailton (sem sobrenome)

As edições dos livros eram feitas com exclusividade pelo *Círculo* ou em parceria com outra editora. Fernando conta, por exemplo, sobre como foi iniciada o processo de produção da coleção História da Arte (Figura 2): “Jorge Zahar, outro cara maravilhoso, disse, ‘Ah, eu quero lançar a história da arte da Universidade de Cambridge, mas não dá para lançar sozinho’. ‘Não, vamos fazer uma coedição’, e saiu. Ele entregou a tradução, eu fiz a edição no Círculo [...]” (NUNO, 2019). Com livros de todas as editorias, era fácil para os sócios escolherem qual comprar. José Antônio também discorreu em seu blog sobre as boas lembranças de escolher os livros no catálogo:



A regra para se manter como associado era adquirir um livro por mês. Recordo-me que sempre comprava dois e quando sobrava um dinheirinho extra, não pestanejava em comprar três ou até quatro volumes. Minha mãe dizia: Menino! Um é suficiente ou será que você vai querer ler os quatro ao mesmo tempo? É claro que mamãe – que saudades do meu anjo... – falava tudo isso brincando e com um sorriso zombeteiro no canto da boca, já que ela sempre me estimulou e incentivou à leitura (JOSÉ, 2012).

Segundo Fernando, o que permitia a impressão de livros de ótima qualidade era a gráfica do *Círculo do Livro*, assim como todo o seu sistema editorial. Toda a organização do clube funcionava pois os livros eram vendidos de forma antecipada, o que permitia projetar qual seria o número de venda e as tiragens. Esse sistema envolvia toda a produção do livro, desde a escolha, passando pela produção, impressão em gráfica própria, gerenciada pelo único funcionário alemão do clube, e vendas.

O ex-editor destaca dois pontos fundamentais para o sucesso do clube. O primeiro seria a gráfica própria, que imprimia os livros do *Círculo* e de outras editoras, com máquinas que já estavam adequadas aos formatos dos livros. Além disso, a equipe brasileira recebia estudos vindos da Alemanha, que informavam as melhores tipografias para a legibilidade de letra, a melhor disposição de elementos na capa para chamar atenção, etc. (NUNO, 2019). O segundo ponto destacado por Nuno é o planejamento das tiragens: “o *Círculo* não chegou a ter grandes problemas de encalhes, dava para planejar direito, isso era outra coisa que possibilitava o livro com um preço relativamente barato, com aquela capa dura, nos primeiros tempos até com a sobrecapa de acetato” (NUNO, 2021).

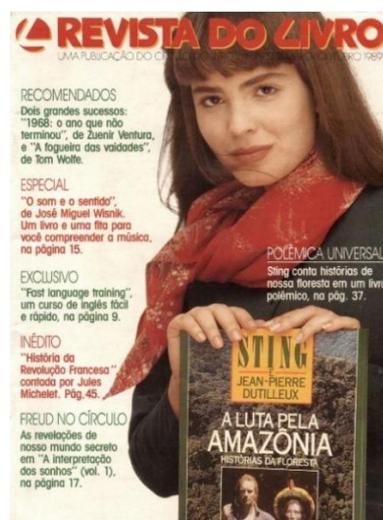
Marcelo Moutinho, outro ex-associado do *Círculo*, lembra-se em seu blog também das qualidades das edições do *Círculo*: “Os livros tinham preços bem mais em conta do que nas demais editoras e vinham em embalagem caprichada. Capa dura, encadernamento perfeito, miolo bem diagramado” (MOUTINHO, 2013). Ele também relembra do catálogo, recheado de opções, desde de best-sellers como de autores como Sidney Sheldon, Agatha Christie, Morris West, Harold Robbins e Jorge Amado, até livros que o desafiavam como os de André Torres: *Exílio na ilha grande* e *Esmaguem meu coração*, “suas duas obras mais famosas, permanecem na estante lá de casa. Conservo-as como emblema de meus primeiros espantos” (MURTINHO, 2013).

E os leitores escolhiam os livros através *Revista do Livro*, uma publicação que trazia o catálogo do *Círculo*, além de entrevistas com autores e personalidades, notícias e reportagens do mundo da leitura (NUNO, 2019). Assim, acreditamos que essa

publicação seria o que Dumond denomina de “magalog”. Fernando conta que o título foi licenciado pelo Instituto Nacional do Livro, que retinha o direito e cedeu ao *Círculo*.

Tivemos acesso às revistas número 61, 66, 70, 73, 74, 76, 79 e 82, que contemplam os anos de 1986 a 1990. As revistas apresentam cerca de 60 páginas e eram divididas em duas grandes editorias, “Seções”, com as classificações de livros que citamos anteriormente, e “Diversos”, que trazia algumas reportagens e informações sobre concursos e brindes. “Atendimento ao Sócio”, “Autores”, “Biblioteca do Estudante”, “Concurso do Selo”, “Difusão por Amizade”, “Especial”, “Quem é Quem”, “Resultado do Concurso de Natal”, “Epopeia Editorial”, “Coleções do Círculo” e “Larousse Cultural” foram algumas das colunas que encontramos nessa editoria.

Figura 3 - Revista do Livro, nº 79, setembro e outubro de 1989



Fonte: Acervo Pessoal de Adeilton (sem sobrenome)

Destacamos a coluna “Especial”, que trouxe matérias diferenciadas: “Especial Guimarães Rosa”, “Grandes da Literatura Brasileira”, “Machado de Assis” e “O Livro do Círculo”. Também ressaltamos o “Concurso do Selo”, um sorteio realizado a cada publicação, onde o assinante recebia cupons com números a partir da quantidade de livros que comprasse. O número que fosse sorteado pela loteria federal na data estabelecida ganhava um carro. Já “Difusão por Amizade” trazia diversas opções de produtos para o associado escolher caso indicasse um sócio para o *Círculo*.

Além disso, existiam outras colunas e informações recorrentes na revista, como as colunas os “10 mais vendidos”, “Novidades do Bimestre” e “Livro do Bimestre / Trimestre”, além da venda de posters e jogos, informações sobre serviço e o índice do catálogo.



Considerações Finais

Os rastros de memória do *Círculo do Livro* são diversos e fundamentais para que consigamos entender a história desse clube de livros. Por meio de depoimentos, em formato de texto e vídeo, encontrados online e de edições da *Revista do Livro* foi possível reconstituir processos básicos do funcionamento do clube. Entendemos como foi sua implantação no Brasil, sua dinâmica de funcionamento, a forma de contato com os associados, como esses adquiriam os livros, a importância dos funcionários e da revista e outros pontos importantes sobre as atividades do clube.

Também conseguimos identificar nesse clube os 4Cs que Corinna Norrick-Rühl destaca. Com uma *curadoria* de Fernando Nuno, o clube tinha em sua “magalog” mais de 500 opções de livros para que o associado pudesse escolher, entre diversas opções. Já quando assinam o contrato e se tornam associados, os membros permitiam que a revista e o livro fossem enviados periodicamente, reforçando a *conveniência* e a *concessão*. Por fim, junto com o clube e os outros assinantes, foi formada uma *comunidade*. Com o sorteio de grandes prêmios e a distribuição de brindes para sócios que indicassem novos associados, o clube mantinha uma identidade com o seu grupo, que ainda pode ser percebida através das memórias individuais e coletivas de ex-assinantes.

Como destacam Andreas Huyssen, Pierre Nora e outros pensadores, existe contemporaneamente uma necessidade de resgatarmos essa memória, por medo de que ela possa ser esquecida. Em nossa pesquisa, encontramos uma série de postagens em blogs e redes sociais, principalmente de ex-sócios, que relembram do *Círculo* com saudade e nostalgia. O desejo que o *Círculo do Livro* retorne aparece em muitos ambientes comunicacionais, principalmente online. Inclusive, no meio publicitário, a *Tag Livros*, clube com 73 mil associados, afirma se inspirar no formato de mercado do *Círculo do Livro*, se utilizando da imagem do antigo clube para buscar novos associados.

Dessa forma, consideramos primordial a construção da narrativa do *Círculo do Livro*, não só para registrar sua história, mas para entender como os clubes de assinatura de livros vêm se modificando no decorrer das décadas, principalmente no Brasil. Nosso desejo é continuar a pesquisa a fim de compreender como as novas tecnologias estão modificando a forma como os leitores consomem os livros nos novos clubes de assinatura.



Referências

HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva**. Editoria Revista dos tribunais LTDA. Tradução: LairentLépnAchaffter, São Paulo, 1990.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. 3ª edição, 1 reimpressão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2017

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória – arquitetura, monumentos, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

ISTO É o Círculo: conheça suas vantagens. **Revista do livro**. nº61, maio e junho de 1986.

JOSÉ ANTONIO (sem sobrenome). Círculo do Livro: um período que deixou saudades. **Livros e Opinião**. 2012. Disponível em <https://www.livroseopinioao.com.br/2012/07/circulo-do-livro-um-periodo-que-deixou.html>. Acesso em: 15 de maio de 2021.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 7.ed. Campinas: Unicamp, 2013

MOUTINHO, Marcelo. Círculo do Livro. **Marcelo Moutinho**. 2013. Disponível em <http://www.marcelomoutinho.com.br/cronicas/circulo-do-livro>. Acesso em: 15 de maio de 2021.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo: PUC-SP. N° 10, p. 12. 1993. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em 1 de abr. de 2021.

NORRICK-RÜHL, Corinna (2019). **Book Clubs And Book Commerce**. Cambridge: Cambridge University Press.

NUNO, Fernando. **Os mais vendidos do Círculo do Livro**. 2021. 1 vídeo (34m47s). Publicado no canal Guia dos curiosos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pYuRzccNhkU>. Acesso em: 08 abril de 2020.

NUNO, Fernando. **PublishNews Entrevista Fernando Nuno**. 2019. 1 vídeo (1h03m21s). Publicado no canal PublishnewsTV. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7b5eQREaemc>. Acesso em: 15 julho de 2021.

O CÍRCULO nos 40 anos do MASP. **Revista do Livro**. nº66, julho, agosto, setembro de 1987.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

SEDO, Denel Rehberg (2011). **Reading Communities: From Salons To Cyberspace**. New York: Palgrave Macmillan.

WAGNER, Luiz. **Círculo do Livro**. [carta]. São Paulo. 1987